

# AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: OLHARES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS/AS NAS AULAS

Tatiana Roberta Medeiros, Marcelo Victor da Rosa

tatiana.medeiros@ufms.br, marcelo.rosa@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

## III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** *O presente trabalho é parte da pesquisa de mestrado que se encontra em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do campus de Aquidauana/MS. A pesquisa tem como objetivo principal investigar como os/as docentes, que atuam nos anos finais do ensino fundamental da rede estadual de Resende (RJ) e da rede municipal de Quatis (RJ), elaboram conteúdos e propostas que tratam de diferenças históricas das constituições dos gêneros. Os estudos de gênero têm avançado no contexto contemporâneo, intensificando, desta forma, as discussões sobre as políticas públicas que envolvem essa temática. Baseando-se na perspectiva pós-estruturalista, pretendemos contextualizar e buscar problematizar as construções de gênero no espaço escolar de Educação Física e discutir como os gêneros e suas conexões atravessam esse contexto. Para isso, apreendemos que os Estudos Culturais nos possibilitam diálogos e reflexões quanto às análises críticas, configurando-se como espaços alternativos de investigação, concebidos no âmbito das ações escolares contemporâneas. Partilhando de inquietações e reflexões, ressaltamos a necessidade de a Educação Física enfatizar seu caráter formativo, político e social. Isso propicia um “desencaixotamento”, permitindo a valorização das diferenças e contribuindo significativamente para as reflexões e discussões sobre o que é ser correto, natural ou normal.*

**Palavras-Chave.** *Gênero, Currículo, Educação Física escolar.*

**Abstract.** *This work is part of the ongoing research for a master's degree within the Cultural Studies Graduate Program at the Aquidauana/MS campus. The main objective of the research is to investigate how educators, who work in the final years of elementary education in the state school system of Resende (RJ) and the municipal school system of Quatis (RJ), develop content and proposals that address the historical differences in*

*gender constitutions. Gender studies have advanced in the contemporary context, thus intensifying discussions about public policies that encompass this theme. Based on a post-structuralist perspective, we aim to contextualize and seek to problematize gender constructions in the school space of Physical Education, and discuss how genders and their connections traverse this context. To achieve this, we understand that Cultural Studies enable dialogues and reflections regarding critical analyses, serving as alternative spaces for investigation, conceived within the realm of contemporary educational actions. Sharing concerns and reflections, we emphasize the need for Physical Education to accentuate its formative, political, and social character. This facilitates a 'unboxing,' allowing for the appreciation of differences and contributing significantly to reflections and discussions about what is considered right, natural, or normal.*

**Keywords.** *Gender, Curriculum, School Physical Education.*

**Resumen.** *El presente trabajo es parte de la investigación de maestría que está en desarrollo en el Programa de Posgrado en Estudios Culturales del campus de Aquidauana/MS. La investigación tiene como objetivo principal investigar cómo los/as docentes, que trabajan en los años finales de la educación primaria en la red estatal de Resende (RJ) y en la red municipal de Quatis (RJ), elaboran contenidos y propuestas que abordan las diferencias históricas en las constituciones de género. Los estudios de género han avanzado en el contexto contemporáneo, intensificando de esta manera las discusiones sobre las políticas públicas que involucran esta temática. Basándonos en la perspectiva pos-estructuralista, pretendemos contextualizar y buscar problematizar las construcciones de género en el espacio escolar de Educación Física y discutir cómo los géneros y sus conexiones atraviesan este contexto. Para ello, comprendemos que los Estudios Culturales nos brindan diálogos y reflexiones en relación con los análisis críticos, configurándose como espacios alternativos de investigación, concebidos en el ámbito de las acciones escolares contemporáneas. Compartiendo inquietudes y reflexiones, subrayamos la necesidad de que la Educación Física enfatice su carácter formativo, político y social. Esto propicia un "desencasillamiento", permitiendo la valoración de las diferencias y contribuyendo significativamente a las reflexiones y discusiones sobre lo que es considerado correcto, natural o normal.*

**Palabras clave:** *Género, Currículo, Educación Física Escolar.*

## 1. Introdução

A proposta deste estudo se relaciona ao âmbito das interações humanas e está alicerçada em dois pilares significativos para os Estudos Culturais, intrinsecamente interligados: a alteridade e a diferença. Alteridade implica na relação com o outro. Trata-se de um conceito cuja premissa estabelece que existem indivíduos e culturas distintas e representativas, os quais atuam e concebem suas perspectivas de pensar o mundo de maneiras próprias e singulares. Nesse sentido, os Estudos Culturais nos possibilitam diálogos e reflexões para análises, configurando espaços alternativos de investigação

concebidos nos campos de ações escolares contemporâneas.

Diante disso, sabemos que as relações entre gêneros fazem parte do processo sociocultural do indivíduo desde o seu nascimento, o qual, ao longo de sua trajetória e a partir do convívio familiar e social, determina, conforme o seu gênero, padrões voltados a uma prática sexista e de diferenciação. Desde os primeiros anos da infância, meninos e meninas já vivenciam experiências corporais, legitimadas pela sociedade, juntamente com concepção de que existe uma identidade e um estereótipo de homem e outro de mulher.

Nas escolas, essas determinações corporais e de gênero também se constituem. Dentre os componentes curriculares da rede de ensino público, a Educação Física nos permite com mais facilidade perceber, muitas vezes, como as normas de gênero vão operando, já que essa área, como mostra Guacira Louro<sup>1</sup> (2003), constantemente, está direcionada ao domínio do corpo, atendendo a algumas práticas rotineiras, em uma situação de constante exame, por meio de correções de sua postura física, condutas, alinhamento, formação de grupos, desenvoltura, habilidades. Além disso, as aulas de Educação Física evidencia frequentemente uma observação sobre o corpo dos sujeitos, se estabelecendo mais expostos no processo de ensino e aprendizagem.

Ao caracterizar as aulas de Educação Física como uma disciplina que oportuniza a expressão corporal e a valorização do movimento, percebemos que existe uma seleção, uma fictícia “libertação” dos corpos, bem como manifestações de poder entre meninos e meninas. Devido a essa condição, faz-se importante repensarmos os currículos educacionais para promover estratégias que sejam contrárias a discursos de hierarquização.

Dessa maneira, ao considerarmos os conteúdos de ensino associados às relações de gênero na prática pedagógica de Educação Física escolar, salientamos que existem preocupações, pois, como explicam Juliana Jaco e Helena Altmann (2017), quando nos referimos a propostas curriculares que dizem respeito à participação de todos/as, ainda é possível percebermos as diferenças nas organizações das aulas, dos conteúdos e das participações dos/das discentes. E essas distinções, podem ser sutis ou podem não despertar o interesse de professores/as, mas continuam indicando lugares e diferentes formas de participação para cada gênero, no momento da prática pedagógica.

---

<sup>1</sup>Informamos que a elaboração e a redação deste texto seguiram as diretrizes e as normas da ABNT. No entanto, no que diz respeito às citações bibliográficas no decorrer do texto, ao destacar a autoria, mencionaremos citando o primeiro nome e o sobrenome dos/as autores/as na primeira vez em que eles forem anunciados.

Nessa ocasião educandos/as são diferenciados no seu modo de viver e demonstrar seus comportamentos, maneiras, hábitos, costumes, condutas, desempenho. Vale notarmos que essas diferenciações, se constituem não somente na escola e nas aulas de Educação Física, mas também no contexto social. A partir disso, ressaltamos que alguns discentes possuem diferentes maneiras de vivenciar os processos culturais e também apresentam formas de participações diferenciadas nas práticas pedagógicas.

A fim de buscarmos possíveis respostas para os questionamentos sobre os atravessamentos das relações de gêneros, na Educação Física escolar; este estudo teve como objetivo principal investigar como os/as docentes, que atuam nos anos finais do ensino fundamental (sexto ao nono ano), da rede estadual de Resende (RJ) e da rede municipal de Quatis (RJ), elaboram conteúdos e propostas relacionadas às diferenças históricas das constituições dos gêneros. E como objetivos específicos, pretendemos apresentar uma discussão sobre as relações de gênero e o processo de diferenciação, bem como visibilizar problematizações sobre o modo e as possibilidades de colocar em prática uma Educação Física escolar pautada em um currículo cultural que aborde os aspectos de gênero.

Sendo assim, a partir dessas questões, este artigo se encontra organizado em três momentos, tendo como intuito estabelecer uma relação entre os aportes teóricos referentes ao tema, para elaborar e organizar a discussão ora proposta. No primeiro momento, trataremos uma reflexão sobre as concepções de gênero no discurso pedagógico da Educação Física escolar; no segundo momento, sobre o currículo de Educação Física escolar e os lugares de alunos e alunas, e, no terceiro momento, trataremos das considerações finais.

## 2. Metodologia

De acordo com o objetivo deste estudo e a partir de um recorte da pesquisa de mestrado, a qual se encontra em desenvolvimento, este artigo em seu embasamento teórico, vale-se de conceitos, abordagens e enunciados, sobretudo no que se refere à prática pedagógica e às questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar.

Acrescentamos ainda que o desdobramento desse estudo se realiza, por meio de aproximações em pensar e fazer pesquisa organizada a partir de referenciais e perspectivas pós-críticas, em que estudiosos refutam dizeres e pensamentos normativos relacionados

aos métodos de pesquisa. Neste sentido, conforme Dagmar Meyer e Marlucy Paraíso (2012), ao relativizar e revitalizar os métodos, a partir do problema de pesquisa e da orientação teórica, surgem novas metodologias ou processos de produção de dados.

### 3. Gênero no discurso pedagógico da Educação Física escolar

Os estudos de gênero têm avançado no contexto contemporâneo, intensificando, desta forma, as discussões sobre as políticas públicas que envolvem essa temática. Hoje, um dos grandes desafios, nesse campo de estudo, está em debater como as relações de gênero se produzem, reproduzem e se transformam. Ressaltamos que gênero não se trata de uma concepção ideológica, como asseguram alguns grupos conservadores religiosos, pelo contrário, gênero é como interpretamos e compreendemos as pessoas ao nosso redor. Marcio Caetano, Carlos Lima e Amanda Castro (2019, p. 9) explicam que “gênero diz muito mais a respeito a como *somos percebidos e percebemos* as pessoas e menos como *nos* identificamos/percebemos a *nós mesmos*”.

De acordo com Donna Haraway (2004), a definição de gênero foi elaborada para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. Nesse aspecto, tal definição, segundo a autora, corrobora no sentido de elucidar e transformar os princípios históricos de diferença sexual, nos quais, “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. A partir disso, mediante a valorização e à assimilação de vivências culturalmente sexuadas, a sociedade determina normas, costumes e padrões de comportamentos apropriados para cada sexo.

Segundo Judith Butler (2021), gênero define-se como um estilo corporal, passível de ser intencional ou performativo, uma vez que se arquiteta pela repetição estilizada do corpo, envolvido em atos, gestos e fala. A teórica também enfatiza que, mediante as normas de reprodução da heterossexualidade, há uma tentativa de encaixar os indivíduos de forma arbitrária em padrões binários e consistentes com a premissa normativa de sexo-gênero-desejo.

Considerando as concepções pós-estruturalistas, os estudos de gênero na Educação Física vêm sendo construídos, problematizados e pensados. Entendemos que, para discutir gênero nas aulas de Educação Física escolar, devemos recorrer ao pressuposto

teórico de que os pensadores pós-estruturalistas sinalizam a desconstrução das estruturas ocidentais e colocam em evidência as identidades plurais, bem como a desconstrução binária entre os gêneros, intensamente marcada pela dominação (homens) e subordinação (mulheres).

Diante dessas constatações, sinalizamos que os corpos carregam discursos que incidem sobre nossas vidas, nos regulam e promovem as relações de poder. Logo, enfatizamos sobre a importância e a emergência em discutir conceituações relativas ao gênero nos espaços escolares, assim como nas práticas pedagógicas da Educação Física escolar, visto que, esse universo é permeado, em muitos momentos, por desigualdades estabelecidas mediante as construções sociais e culturais. Para Jeimis Castro, Eliane Vargas, Shirley Prado e Francisco Ferreira (2021, p. 27),

[...] a Educação Física coloca o corpo dos alunos e das alunas em evidência quando estão em um ambiente mais aberto e, geralmente, com um pouco mais de liberdade em relação às outras disciplinas. Com isso, o controle acaba sendo mais rigoroso em relação aos corpos para que as manifestações sejam de acordo com as normas constituídas na sociedade e na escola.

Nesse aspecto, a Educação Física ganha destaque, quando se trata da preocupação com o corpo e as manifestações corporais e culturais, porém sua inserção, nas escolas brasileiras, traz, desde suas origens, intensas influências das perspectivas médico-higienista, seja nos campos de saber, seja nas representatividades esportivistas e militares. Vagner Prado e Arilda Ribeiro (2010) salientam que Por meio de técnicas corporais que normalizam essas marcas históricas, as práticas, nas aulas de Educação Física, tendem a ser pautadas em concepções, as quais adequam os corpos a planejamentos e intervenções, considerando os limites biológicos, de gênero e sexualidade que educa baseando-se na biologia e nas concepções biomédicas.

Posto isso, percebemos que as aulas de Educação Física, muitas vezes, se restringem a entender o corpo como um organismo que precisa melhorar o seu desempenho para ter sucesso na esfera social, elevar a sua qualidade de vida e ser preparado para o mundo do trabalho, por meio da socialização e do aprendizado formados por uma subjetividade (CASTRO; *et al.*, 2021).

Perante o exposto, vale notarmos que a sociedade designa os comportamentos esperados para as pessoas, conformando, assim, os seus corpos no modo de andar, falar, gesticular, movimentar, praticar exercícios, dançar. A partir disso, percebemos o papel da cultura na conformação e regulação dos corpos. Neste sentido, Silvana Goellner (2010) ressalta a impossibilidade da existência de um corpo que se estabeleça fora do alcance cultural.

Essa construção cultural elabora corpos desejáveis e não desejáveis. Os desejáveis são aqueles do padrão, aquele que a cultura ocidental considera como sendo ideal, como, por exemplo, corpos magros, musculosos, jovens, com cabelos lisos e peles claras, sem deficiência, incapacitismo e binaridade sexual. Já os corpos indesejáveis são o contraponto dessas especificações, grupos que não expressam apenas diferenças, como também uma desigualdade (GOELLNER, 2010). E essas constituições culturais se revelam concomitantemente, no espaço educacional, nos currículos e nas práticas pedagógicas da Educação Física escolar.

Dessa forma, o gênero se constitui imbuído de um corpo definido e distinto sexualmente. As meninas, por exemplo, almejam a busca pelo corpo perfeito, isto é, aquele que atenda aos padrões socialmente estabelecidos. Elas devem ser comportadas, frágeis, tímidas, românticas, ter pele macia, usar salto, assumir com êxito uma série de atividades domésticas, incluindo o matrimônio e a maternidade. Já os meninos devem, por exemplo, ser agressivos, másculos, terem corpos torneados, não podem chorar, gostar de brincadeiras que não sejam desafiantes e perigosas.

A partir disso, entendemos, conforme Jaco e Altmann (2017, p. 18), que “é a partir da lógica binária de masculino e feminino pautada na concepção de que certos atributos são inatos, que a maioria de meninos e meninas construíram seus significados sobre as aulas de Educação Física e seus lugares nela”.

Assim, ao longo dos tempos, embora tenha havido mudanças nas práticas pedagógicas, podemos dizer que tal componente curricular ainda tem contribuído para a divisão de gêneros, principalmente nas aulas que envolvem a prática do movimento corporal.

#### 4. O fazer pedagógico e as naturalizações no cenário da Educação Física escolar

No período escolar, o componente curricular de Educação Física proporciona uma gama de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos durante a Educação Básica, dando-lhes a oportunidade de acessar um vasto universo cultural que compreende experiências estéticas, saberes corporais, emotivas, lúdicas e agonistas (BNCC, 2017).

Diante dessas propostas oferecidas pela BNCC, Marcos Neira (2018) mostra que diante de seu teor expressivo, no currículo de Educação Física, são materializadas formas de interação dos diversos grupos que compartilham a paisagem social e estão intimamente relacionadas ao contexto histórico em que foram ou são criadas e recriadas.

Entretanto, alguns estudos nos chamam a atenção para a utilização e insistência nas escolas de um currículo que se ramifica numa perspectiva da dinâmica tradicional, que, na concepção de Mayara Rocha, Kadja Tenório, Marcílio Júnior, Marcos Neira (2015, p. 2), prioriza “[...] questões convencionais e técnicas na construção e organização curricular e apresentam uma cientificidade desinteressada das questões político-sociais”. Além disso, esse currículo enfatiza a busca pelo desempenho, pela *performance* e pelo individualismo e o objeto de estudo é a aptidão física do indivíduo.

Nesse aspecto, as atividades esportivas tradicionais acabam se destacando nas aulas ministradas pelos/as docentes. Entendemos por atividades esportivas tradicionais as quatro modalidades básicas de esporte: voleibol, futsal, handebol e basquetebol. Vale mencionarmos que as relações entre a Educação Física escolar e o esporte em muitos momentos foram e são geradoras de tensões, pois, às vezes, não são compatíveis e se constituem em dois universos simbólicos distintos.

De acordo com Paulo Carlan, Elenor Kunz, Paulo Fensterseifer (2012), muitos/as docentes acreditam que ensinar um esporte se restringe a ensinar a praticá-lo. Assim, desconsideram a possibilidade da compreensão e a necessidade da teoria/prática esportiva, enquanto parte do conteúdo a ser ensinado nos espaços escolares, a qual deve ser mediada por uma teoria pedagógica capaz de reconhecer o esporte como um fenômeno socialmente produzido.

Essas orientações talvez sejam um fator limitante para que alunos/as participem de forma efetiva das aulas de Educação Física, já que o esporte, por ser definido como uma

prática viril acaba permitindo que feminilidades e masculinidades, muitas vezes, passem a ser questionadas, a partir do momento em que meninos e meninas apresentam habilidades para práticas corporais diferentes das estabelecidas na ótica binária de gênero (GOELLNER, 2010). Essas rasuras tem como resultado a hostilização, o preconceito e também a atribuição de nomeações constrangedoras. As meninas, nomeiam como “Marias-homem” e os meninos, “viadinho”, por exemplo.

A este respeito, Fabiano Devidé (2020) nos alerta para o fato de que, quando alunos/as cruzam a fronteira de gênero, a partir da escolha de práticas corporais socialmente generificadas e direcionadas para homens e mulheres, a sociedade heteronormativa, associa esse ato ao desejo homossexual, gerando preconceitos e barreiras de ordem social, cultural e religiosa. Tais práticas corporais, ao serem divididas em “masculinas” ou “femininas”, fazem com que as identidades dos/as alunos/as sejam marcadas por uma cultura de engessamento.

A partir disso, percebemos as discriminações e as sujeições de alunos e alunas em relação à prática de conteúdos que reverbera unicamente a aptidão física, rendimento tático/técnico e a aparência corporal como determinante em algumas propostas do currículo, principalmente pautados nos esportes. A separação e, até mesmo, a não aceitação daqueles/as que não se “encaixam” no padrão dominante, relacionado à composição corporal, a capacidades físicas e procedência social, bem como à adequação de vestimentas para a modalidade e às representações de masculinidade e feminilidade, são ocorrências vistas como normais no contexto de Educação Física escolar e isso acaba sendo naturalizado pelos/as docentes e discentes. Em face desse cenário, esses conflitos gradualmente internalizam-se nas práticas pedagógicas tornando-se parte do cotidiano, até culminarem na decisão dos/as estudantes em abandonarem as aulas de Educação Física.

Nas fronteiras do currículo normativo, é possível encontrarmos, por exemplo, meninas que exigem a participação no time de futebol, e ou meninos em busca de espaço, para se manifestarem corporalmente nas aulas de dança e, em muitos momentos, se veem pressionados a mostrar, exercer e enaltecer suas feminilidades e masculinidades normativas. Prado, Altmann e Ribeiro (2016) acrescentam que os/as estudantes se tornam alvos de marcações sociais capazes de evidenciarem as diferenças como sinônimos de “anormalidade”. Os autores ainda explicam que isso acontece quando, por exemplo, uma mulher não se apresenta socialmente portando signos da feminilidade ou um menino que

demonstra preferências por práticas ou atividades reconhecidas como pertencentes ao universo de meninas.

Com relação aos conteúdos e às normatizações de gênero nas práticas pedagógicas da Educação Física escolar, vemos meninas transpondo as barreiras impostas pela sociedade, a qual atribui determinadas práticas de movimento corporal para um tipo de sujeito. Neste caso, podemos citar o futebol, um esporte culturalmente condicionado a ser praticado por homens. Aqui, cabe ressaltarmos sobre a existência de alunas que rasuram com essa linearidade e representam o rompimento das convenções e obstáculos relacionados à descrição da aparência e como são vistas e nomeadas no contexto social.

Diante disso, refletimos, de acordo com Jaco e Altmann (2017), o quanto é necessário a existência de meninas protagonistas nas aulas desse componente curricular, pois, com a participação delas nas práticas pedagógicas, outras possibilidades de “ser menina” podem se configurar para o restante da turma. Tal possibilidade permitirá que essas alunas protagonistas sejam referência para outras estudantes. Assim, a participação delas nas práticas pedagógicas faz emergir outras e novas formas de vivenciar o movimento corporal nesse componente curricular, contribuindo para um deslocamento de atividades e conteúdos considerados, em muitos momentos, adequados apenas para meninos.

Em tese, Liane Uchoga e Helena Altmann (2016) comentam que, enquanto os meninos se arriscam mais nos movimentos mais complexos, aprimorando habilidades corporais condicionadas à força, ao equilíbrio, as meninas desenvolvem habilidades de liderança e organização, as quais exigem menos destrezas corporais.

Diante disso, percebemos que o direcionamento de oportunidades distintas para alunos/nas permite-lhes vivenciarem conteúdos cujas habilidades e destrezas físicas/motoras são exploradas e passam a se constituírem como processos de naturalização, configurados nos corpos. A problematização dos conteúdos das aulas de Educação Física não escapa desse processo e se dá pelo fato de o envolvimento de alunos/alunas nas práticas corporais geralmente ocorrerem de maneiras distintas.

Apesar de Uchoga e Altmann (2016) mencionarem que essa percepção nem sempre pode ser confirmada, pois muitas meninas disputam relações de poder nas diversas práticas corporais e também se destacam nas atividades, mesmo assim, existe a crença de que meninos, quando comparados a meninas, são mais habilidosos. E isso já interfere de

antemão nas formas de participação no jogo dos/as alunos/as.

Portanto, os debates em aula, no que diz respeito às questões de gênero, tornam-se imprescindíveis, uma vez que, a partir dos momentos de reflexão, os/as estudantes terão a possibilidade de perceber suas relações sociais e afetivas de modo mais crítico, identificando violências e desigualdades. Assim, o conhecimento sobre essa temática instigará alunos/as a resistir e dismantelar as distinções discriminatórias arraigadas, estendendo-se para além dos ambientes escolares.

Dessa forma, Amanda Gonçalves, Carla Ramalho e José Sobrinho (2020) esclarecem que cabe à docência abordar e viabilizar reflexões capazes de promover a acessibilidade das identidades, corpos, sujeitos, expressões, marcadores sociais, formas de vida que ainda hoje não são plausíveis. Nas aulas, é oportuno que os/as docentes de Educação Física expliquem as alunas e os alunos os problemas e as limitações que a desigualdade de gênero traz para a sociedade.

Almejando estimular olhares pós-críticos quanto às questões relacionadas ao corpo, gênero e sexualidade, na construção social das identidades, é adequado pensarmos em práticas que proporcione aos alunos e às alunas oportunidades de direitos. Assim, apontamos aqui possíveis tensionamentos e direcionamentos sobre um currículo desconstrucionista como um artefato cultural que abarca questões e temáticas não contempladas nas teorias curriculares anteriores (tradicional e crítica), ou confinadas e imperceptíveis em outras propostas de ensino.

É considerável que o trabalho docente de Educação Física escolar esteja pautado em currículos significativos, os quais nos convidam a refletir sobre problematizações presentes nos discursos, nos gestos e nas atitudes pertinentes às práticas corporais. Tal componente curricular necessita de um currículo que aprecie as diferenças e venha ao encontro de concepções capazes de fortalecer as vozes das identidades subjugadas e negligenciadas. Enfim, um currículo constituído numa perspectiva cultural, cujas referências podem ser encontradas nos Estudos Culturais.

Nesse sentido, Marcos Neira e Mário Nunes (2011), enfatizam que há a expectativa dos/as discentes praticarem atividades corporais e não apenas se restringirem ao movimento, bem como consigam vivenciar, as relações presentes entre o corpo e o meio social, por meio das brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes. Momentos estes

oportunos para expressarem sentimentos, valores e ideias, sem efetuar julgamentos de valor.

Na proposta do currículo cultural<sup>2</sup>, valoriza-se a apreciação como ato reflexivo, não como uma ação apenas reprodutora, apática e conformista. Pelo contrário, os alunos e alunas são instigados/as a mover-se, falar sobre e, a partir disso, construir e experimentar. São convidados/as a acessar e explorar as referências externas, as narrativas, posicionamentos e artefatos culturais que discordem do repertório inicial, mas que conduzam a uma certa intimidade com o diferente (NEIRA, 2009). No contexto pedagógico, toda e qualquer prática corporal deve ser acompanhada de uma ressignificação, de uma apropriação.

Nessa perspectiva de currículo, a contemplação dos alunos e alunas, no momento da prática pedagógica, faz com que adquiram a possibilidade de analisar vários sentidos e significados, podendo questionar, analisar, dialogar, produzir identidades, a partir das e entre as culturas.

## 5. Considerações finais

A prática de todo/a professor/a se apoia em determinada concepção de aluno/a, ensino e aprendizagem. Na docência, investimos na construção do conhecimento em conjunto, considerando as necessidades dos/as alunos/as pautado nas diferentes culturas corporais.

Dessa maneira, torna-se fundamental os/as docentes esclarecerem para os/as educandos/as que as aulas de Educação Física não têm como proposta apenas o rendimento escolar, mas busca valorizar as diferentes formas de expressão e movimento. Formas estas que, a partir de um currículo cultural, contribuam para a luta da representação relacionada às diferentes identidades sociais. Ademais, cabe-nos sublinhar a importância do componente curricular de Educação Física incluir em seus conteúdos, temas abrangentes sobre categorias, como gênero/sexo, racismo, homofobia, classe, nação.

---

<sup>2</sup> O currículo cultural, culturalmente orientado ou pós-crítico é uma proposta curricular recente, que nasceu nos primeiros anos do século XXI, em conexão com os desafios da contemporaneidade, especialmente, como a promoção de uma prática pedagógica comprometida com a dignidade humana e com as lutas pelos direitos de todas as pessoas e satisfação de suas necessidades vitais, sociais e históricas (NEIRA, 2018).

Tal possibilidade fará com que os/as estudantes percebam e se conscientizem a respeito da existência das representações, bem como das moldagens dos corpos e o disciplinamento deles diante dessas categorias.

É relevante observar também a relação que essa ocorrência estabelece com as atividades corporais, determinadas pela predominância de mulheres ou homens, como detentoras de padrões heteronormativos, heterossexistas e heterorreguladores.

Portanto, é oportuno pensarmos em uma educação em que a diferença e a identidade cultural sejam priorizadas para que possamos voltar nosso olhar para as singularidades dos/as discentes, bem como para as suas potencialidades. Para tanto, é relevante que estratégias para degenerificar, corroer e borrar o currículo, estejam na prática pedagógica, visto que, tal artefato é incontrollável, passível de resistências, modificações e rupturas.

## 6. Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 10 ago. 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. 21ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2021. 287 p.
- CAETANO, Márcio; LIMA, Carlos H. L.; CASTRO, Amanda. M. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. In: **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p. 5-16, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3179/2892>> Acesso em: 10 ago. 2023.
- CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor.; FENSTERSEIFER, Paulo. E. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29643>> Acesso em: 21 jul. 2023.
- CASTRO, Jeimis N. de; VARGAS, Eliane P.; PRADO, Shirley D.; FERREIRA, Francisco R. **Ensino do corpo**: identidade, gênero e cenas de cinema em aulas de educação física. Editora CRV, 2021.
- DEVIDE, Fabiano. P. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. (Org). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**, 1 ed. Natal- RN: Editora EDUFRN, v. 6, p. 91-105, 2020. Disponível em: <[encurtador.com.br/gnr19](http://encurtador.com.br/gnr19)> Acesso em: 27 jul. 2023.

- GOELLNER, Silvana V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Santa Catarina, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>> Acesso em: 11 jul. 2023.
- GONÇALVES, Amanda. E. P.; RAMALHO, Carla. C.; SOBRINHO, José. A. M. de. O trabalho docente e as questões de gênero nas aulas de educação física do ensino médio em escolas no norte de Minas Gerais. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 96-126, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11247>> Acesso em: 27 jul. 2023.
- HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644638>> Acesso: 25 jul. 2023.
- JACO, Juliana F.; ALTMANN, Helena. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educação em foco**, v. 22, n. 1, p. 155-181, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/download/19899/10637/80982>> Acesso em: 06 jul. 2023.
- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.
- MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/8cxc1c5>> Acesso em: 03 ago. 2023.
- NEIRA, Marcos G. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 1, p. 4-28, 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27374>> Acesso em: 03 ago. 2022.
- NEIRA, Marcos. G; NUNES, Mário. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 671-685, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/txfFFxXgpdwTV8WnDM4Ssht/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 09 ago. 2023.
- PRADO, Vagner. M. do; RIBEIRO, Arilda. I. M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-413, abr./jun. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/6729/WOS000284782500014.pdf?sequence=3&isAllowed=y>> Acesso em: 09 ago. 2023.
- PRADO, Vagner. M. do; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda. I. M. Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/prado-altmann-ribeiro.pdf>> Acesso em: 09 ago. 2023.
- ROCHA, Mayara. A. B.; TENÓRIO. Kadja. M.; JÚNIOR. Marcílio. S.; NEIRA. Marcos. G. As teorias curriculares nas produções acerca da Educação Física escolar: uma revisão sistemática. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 178-194, 2015. Disponível em:

<[http://www.gpef.fe.usp.br/teses/rocha\\_tenorio\\_souza\\_neira.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/rocha_tenorio_souza_neira.pdf)> Acesso em: 09 ago. 2022.

UCHOGA, Liane A. R; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 163-170, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/rdqF38mftSTqS7tCLrFLBMQ/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 13 ago. 2023.